

Economia pode crescer

6% em 81

Da sucursal de
BRASÍLIA

O representante do Brasil no Fundo Monetário Internacional (FMI), Alexandre Kafka, previu ontem que "na pior das hipóteses" a economia brasileira crescerá de 5 a 6% neste ano, contra estimativas oficiais, tidas como otimistas, que projetam um aumento entre 3 e 4% no Produto Interno Bruto (PIB). Ele estimou, também, que a balança comercial vai apresentar-se equilibrada ao final do ano, podendo até mesmo registrar um pequeno superávit, mas se negou a comentar a possibilidade de as exportações não atingirem a meta de US\$ 26 bilhões: "Mesmo que dê US\$ 24 bilhões — a pior das hipóteses de exportações do governo — haveria o equilíbrio".

Kafka, que raramente dá entrevistas no Brasil — "não sou autoridade", costuma alegar —, marcou, ontem, com os jornalistas credenciados no Ministério da Fazenda, uma entrevista às 11 horas, à qual compareceu pontualmente. Queria somente, divulgar os tópicos relativos ao Brasil do documento "Perspectivas da Economia Mundial — Apêndice 'A' — Notas Suplementares — Países em Desenvolvimento não Produtores de Petróleo do Hemisfério Ocidental". O documento — elaborado, em junho, pelos técnicos do Fundo (só o relatório anual é feito pela diretoria do organismo) — é favorável à execução da política econômica brasileira; prevê que a taxa de inflação e as contas do balanço de pagamentos terão, neste ano, comportamentos semelhantes aos do ano passado.

JUROS

Embora tenha ressaltado várias vezes que não estava dando entrevistas, Kafka — há mais de dez anos representando o Brasil no FMI — deu uma verdadeira aula sobre as causas que colocaram as taxas de juros do mercado financeiro norte-americano em níveis tão elevados e concluiu: "As perspectivas não são muito otimistas em relação à queda das taxas de juros, a não ser que a economia americana se anime, a produção cresça, o déficit orçamentário caia, o desemprego diminua e tudo entre nos eixos". E não teve dúvidas em acrescentar: "Mas ninguém pode fazer previsões". O diagnóstico torna-se ainda mais sombrio, de acordo com Kafka, se os Estados Unidos entram num processo recessivo mais profundo. Isto aumentaria o desemprego, obrigando o governo a fazer desembolsos vultosos para manter o seguro-desemprego, reacquecendo a demanda e provocando nova elevação das taxas de juros.

O representante brasileiro no Fundo revelou que o FMI está prevendo um crescimento econômico da ordem de 1% para os países industrializados e a manutenção da mesma taxa do ano

passado para os países em desenvolvimento, com variações diferentes de país para país. Com relação à taxa do PIB brasileiro, Kafka calcula que o crescimento agrícola se fixará entre 11 e 12% e compensará qualquer crescimento pequeno na indústria. "Mesmo que o aumento das atividades da indústria seja zero — o que ninguém está dizendo, nem mesmo a indústria — o crescimento como um todo deve ser alguma coisa entre isto (5 e 6%)" — estimou, comentando a previsão do presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Luiz Eulálio de Bueno Vidigal Filho.

BALANÇA

Em relação à balança comercial brasileira, Kafka acredita num "déficit zero ou pequeno equilíbrio". Segundo ele, o superávit de US\$ 21 milhões verificado em maio e, depois, o de US\$ 160 milhões em junho, mostra tendência do equilíbrio ou de um saldo positivo ao



Arquivo

Kafka prevê equilíbrio

final do ano. Explicou que os gastos com o petróleo, que estima em US\$ 10 bilhões (as mesmas previsões do governo), não estão pesando na conta de comércio a ponto de absorver a melhora resultante com a redução das outras importações. Ele aposta no superávit porque é no segundo semestre que começa a comercialização das safras e esta virá com o impacto positivo nas cotações internacionais, provocado pela queda nos cafezais.

Kafka explicou que a missão do FMI que estará vindo ao Brasil, no próximo mês, é de rotina e analisará as contas do balanço de pagamentos, pois este é o principal objetivo do organismo (acompanhar as contas externas dos seus países-membros). Esclareceu que este tipo de missão deve visitar os principais países-membros, pelo menos uma vez por ano, podendo outras delegações do Fundo, eventualmente, também, visitar os países.

Quando indagado sobre o posicionamento do FMI em relação às consequências inflacionárias da atual política salarial brasileira, o representante brasileiro no organismo declarou: "O FMI não se mete em política salarial. Seu objetivo é o equilíbrio dos balanços de pagamentos dos seus países-membros". E encerrou a conversa.

O DOCUMENTO

Estas são as partes do documento dos funcionários do FMI em relação ao Brasil. Elas foram enviadas por telex para Kafka divulgar aos jornalistas.

1) — A aceleração da inflação, em 1980, foi generalizada na região. No Brasil, ano sobre ano, o custo de vida pulou para 80%, de 42% em 1979, menos de 40% em 1978. Este crescimento reflete uma elevação dos preços das importações e uma substancial liberação dos preços das importações e uma substancial liberação dos preços internos, bem como uma expansão do crédito. Deveria ser notado, contudo, que as autoridades brasileiras começaram, durante o segundo semestre de 1980, a aplicar uma política monetária mais restritiva.

2) — O Brasil e o México representaram 60% do total da dívida externa pública da região, em 1980, e mais da metade do aumento ocorrido durante o ano.

3) — Como nos dois anos anteriores, o crescimento projetado para a região, em 1981, reflete desenvolvimentos contrastantes nos principais países. Quanto ao Produto Interno Bruto real do Brasil, em 1981, é esperada uma redução substancial em seu ritmo de crescimento, devido à política monetária restritiva aplicada desde o final de 1980.

4) — O ritmo da inflação no Brasil e no México está projetado para permanecer inalterado, considerando a base ano sobre ano. No Brasil, entretanto, em 1981, a inflação deverá diminuir em razão das políticas de estabilização adotadas pelas autoridades.

5) — A conta-petróleo dos países importados da região teria um aumento moderado (US\$ 1,5 bilhão), neste ano, segundo as projeções dos técnicos do Fundo, enquanto o volume das importações diminuiria em 10%, se a política de preços e os esforços para substituir o petróleo por fontes alternativas se efetivarem. Os excedentes desses países nas demais categorias comerciais poderia aumentar algo em torno de US\$ 2,5 bilhões, quase inteiramente devido aos US\$ 2,75 bilhões referentes ao Brasil resultantes da política cambial e de estabilização que foi adotada.

6) — Com as importações de petróleo inalteradas, a melhora projetada na balança comercial, em 1981, deverá ser quase igual ao pagamento líquido para os serviços e transferências, principalmente privadas, devido ao aumento continuado dos juros da dívida externa. O déficit em conta corrente, em termos nominais, deve continuar virtualmente inalterado em relação a 1980.